

# ESPÓLIO VÍTREO DE UM POÇO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS (LISBOA, PORTUGAL)<sup>1</sup>

**CARLOS BOAVIDA** Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Instituto de Arqueologia e Paleociências (IAP) das Universidades Nova de Lisboa e do Algarve

**RESUMO** Durante a intervenção arqueológica urbana decorrida na Praça da Figueira entre 1999 e 2001, foi identificada uma parte significativa do Hospital Real de Todos-os-Santos, demolido em 1775, em consequência da sua ruína após o terramoto de 1755.

Entre as muitas estruturas colocadas à vista estava o claustro sudoeste, no qual existia um poço. Os materiais que agora se apresentam são provenientes da escavação integral daquele contexto.

**PALAVRAS-CHAVE** Vidro, poço, Hospital Real de Todos-os-Santos

## 1. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA URBANA – PRAÇA DA FIGUEIRA 1999/2001

Em 1999, a construção de um parque de estacionamento subterrâneo neste local levou a que fosse necessário, dado o eventual potencial arqueológico, proceder à peritagem técnica da obra. A intervenção decorreu até 2001 e foi coordenada por Rodrigo Banha da Silva e por Marina Carvalhinhos, do Museu da Cidade de Lisboa.

Os trabalhos iniciaram-se com a realização de sondagens geotécnicas, a pedido do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), para avaliar quais os impactos da estrutura a construir sobre o regime hídrico subterrâneo desta zona baixa da cidade; e com a avaliação da execução das estruturas de contenção periféricas, visto que o proprietário iniciou a obra à revelia da componente arqueológica. A escavação integral do subsolo da Praça da Figueira teve lugar posteriormente, de acordo com os princípios definidos pelo Instituto Português de Arqueologia (IPA).

Após o reconhecimento do potencial arqueológico, o espaço foi repartido em sectores onde os trabalhos se desenvolveram de forma mais pormenorizada, tendo em conta as estruturas entretanto identificadas: cano real do reinado de D. Maria I, cano real do reinado de D. Manuel I e condutas subterrâneas que lhe estavam

associadas, o cemitério do hospital (do lado este) e os poços dos claustros noroeste, sudoeste e nordeste.

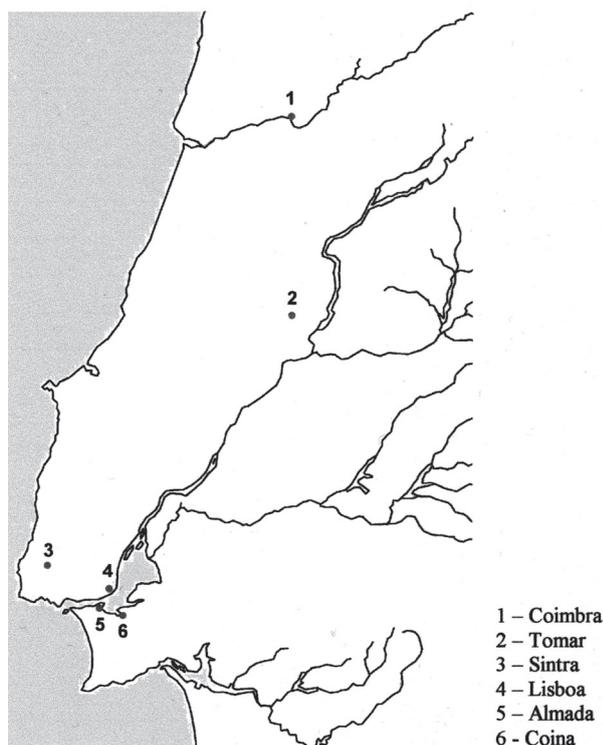
Uma vez que após a sua ruína grande parte do edifício foi demolida e utilizada como pedra, sendo a área posteriormente aterrada, as estruturas remanescentes encontravam-se muito danificadas. Para tal situação também contribuíram várias intervenções contemporâneas intrusivas, anteriores aos trabalhos arqueológicos de 1999/2001, como a construção do Mercado da Praça da Figueira, do pedestal da estátua equestre de D. João I e a instalação de esgotos e demais condutas e subestações da EDP e da Carris.

Este facto levou a que os resultados obtidos, do ponto de vista estrutural, sejam muito limitados. No entanto, o numeroso espólio recolhido contribui de forma única para o conhecimento da história daquela unidade hospitalar. Identificaram-se, apesar de tudo, vários compartimentos, assim como diversos elementos arquitectónicos avulsos.

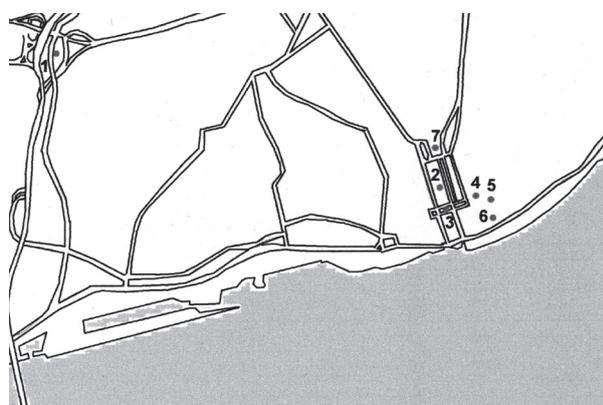
## 2. O POÇO DO CLAUSTRO SUDOESTE

O claustro sudoeste do Hospital Real de Todos-os-Santos era limitado a norte pela igreja, a leste pela enfermaria de São Cosme e a oeste pelo corpo do edifício virado para a Praça do Rossio. A face sul não foi detectada, visto que já se encontrava fora da área de afectação da obra.

1. Este trabalho resulta da reformulação de um outro elaborado durante a Licenciatura em História, variante Arqueologia, FCSH-UNL.



Mapa 1 - Vidros de Época Moderna em Portugal (referidos no texto)



Mapa 2 - Vidros de Época Moderna em Lisboa (referidos no texto)

O poço localizava-se na parte norte do claustro. Foi escavado nos depósitos correspondentes a ocupações de épocas anteriores e estruturado por silharia regular, ligada por argamassa de cal e areia, apresentando forma cilíndrica, com um metro de diâmetro interior e uma profundidade de dois metros e meio<sup>2</sup>. Junto do poço preservavam-se os restos de um lajeado em calcário. O espólio colectado no interior do poço é muito variado, tendo sido recolhidos materiais maioritariamente do século XVII, numa amostra extremamente homogénea,

2. Estas medidas correspondem apenas ao que subsistia da estrutura.

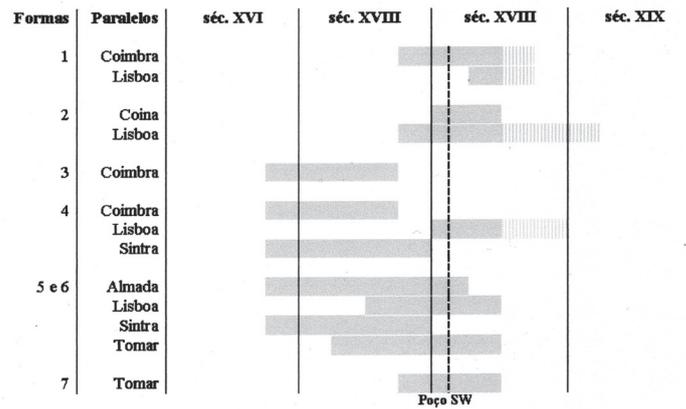
apesar de terem sido identificadas pelo menos 5 unidades estratigráficas distintas – U.E. [372] a U.E. [376]. No que diz respeito às cerâmicas, foram alvo de estudo no âmbito de diversos trabalhos universitários, tendo-se identificado cerâmica comum, vidrada, modelada e esmaltada (neste último caso, faianças portuguesas, espanholas e majólicas italianas). Foi recolhido igualmente um pequeno conjunto de porcelanas. Em relação ao espólio não cerâmico, exumaram-se artefactos em osso, líticos, vidros, peças metálicas e restos de cabedais. As três primeiras tipologias materiais foram também alvo de análise num trabalho universitário, analisando-se agora mais pormenorizadamente a última, a mais quantitativa daquelas.

### 3. OS VIDROS DO POÇO DO CLAUSTRO SUDOESTE DO HRTS

Trata-se um conjunto de 14 peças, muito fracturadas, recolhido maioritariamente na U.E. [376], produzidas em vidro translúcido e colorido, salvo raras excepções. Parte da amostra encontra-se muito irisada. Além de garrafas de pelo menos 2 formas diferentes, existem vários exemplares de um mesmo tipo de copo (um deles quase completo), um cálice com grande parte do perfil preservado, vários fragmentos de taças, uma tampa e duas contas.

#### 3.1 Garrafas

Foi recuperado um fundo de garrafa quadrangular, em vidro verde água, de paredes finas e fundo muito espesso em ônfalo. Trata-se uma peça soprada a molde, como demonstra a ainda evidente marca do pontel. O exemplar encontra-se muito irisado. Peças como esta, datadas da primeira metade do século XVIII foram recolhidas em vários locais de Lisboa, como sejam o Teatro Romano, a Rua das Pedras Negras (Ferreira, 1997, pl. 2, III.1-III.2) ou o quarteirão do Banco Nacional Ultramarino (Fernandes e Ferreira, 2004, p. 486, fig. 9). Um fragmento de bordo, com arranque de gargalo, muito espesso e irisado, produzido em vidro transparente, mostra marisa curvilínea sobreposta. É um tipo de bocal comum a diversas formas de garrafas, como as incluídas no grupo II da tipologia proposta para a Lisboa do século XVIII por Manuela Ferreira (1997, pl. 2), também frequentes em algumas das produções da Fábrica de Coima (Custódio, 2002, p. 333-335) Outra forma que foi recolhida é a de uma garrafa, tipo cabaça, da qual se preserva um bordo muito extrovertido em aba e o gargalo. Foi produzida em vidro transparente de tom verde água. No convento de Santa-Clara-a-Velha, em Coimbra, exumou-se uma peça muito



Quadro I - Cronologia dos Achados

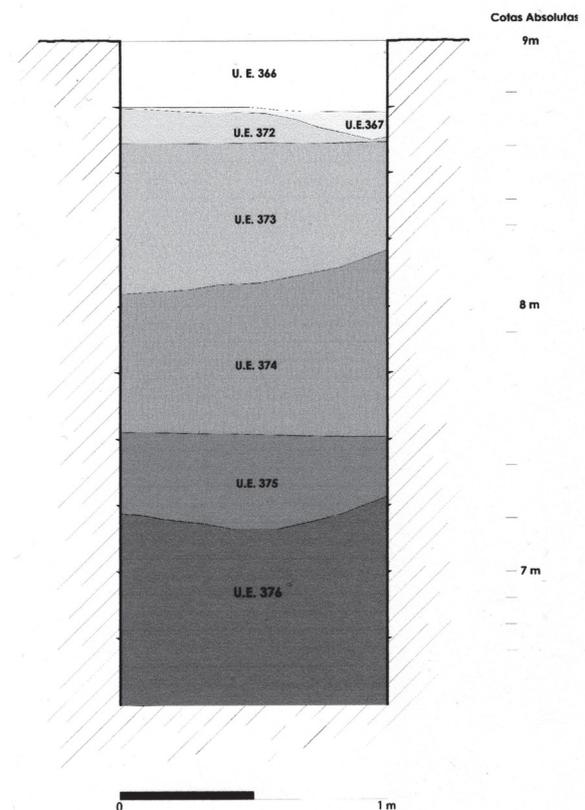
similar, cuja produção poderá vir na tradição islâmica ou europeia meridional (Ferreira, 2004, p. 555, fig. 4d).

### 3.2 Copos

De todo o conjunto destaca-se um cálice, em vidro transparente, ligeiramente irisado. Apresenta pé em balaústre, assente em base discoidal. A parte correspondente à copa foi fabricada em vidro muito fino, quando comparado com o resto da peça.

Foram identificados exemplares deste tipo em vários locais de Lisboa, como na Casa dos Bicos (Amaro e Miranda, 2002, p. 66, n.º 57), na Rua de São Nicolau ou no Teatro Romano (Ferreira, 1997, pl. 1, II.3-II.4). Aqueles são em vidro um pouco mais espesso, nomeadamente na parte da copa. São atribuídos aos finais do século XVII e primeira metade do século XVIII. Em Coimbra, foram igualmente recolhidas peças com tipologia similar e com a mesma cronologia (Ferreira, 2004, p. 564, figs. 9e-9g). Um pouco mais antigos, começaram a produzir ainda no século XVI serão os espécimes recolhidos em Sintra (Ferreira, 2003, p. 285, n.ºs 8 e 11).

Foram recuperados cinco exemplares de copos cilíndricos, de paredes ligeiramente troncocónicas invertidas, com fundo em ônfalo. São em vidro transparente, em vários tons de verde, apresentando bolhas de ar. Dois deles mostram o perfil praticamente completo. Foram recolhidos fundos deste tipo na Rua da Judaria em Almada, onde são igualmente em vidro verde transparente, com algumas bolhas de ar. As peças mais antigas estão datadas do século XVI, mas continuam a surgir com especial incidência no final do século XVII, inícios do XVIII (Medici, 2005, p. 549-550 e 555-556, figs. 6 e 10, n.ºs 42, 43 e 78). Também em Sintra, na Rua Gil Vicente e no Casal de Santo António, em níveis dos séculos XVI-XVII, foram recuperadas estas formas (Ferreira, 2003, p. 288-289, n.ºs 46, 47 e 49). Nos Paços do Infante, no Convento de Cristo, em Tomar, foi

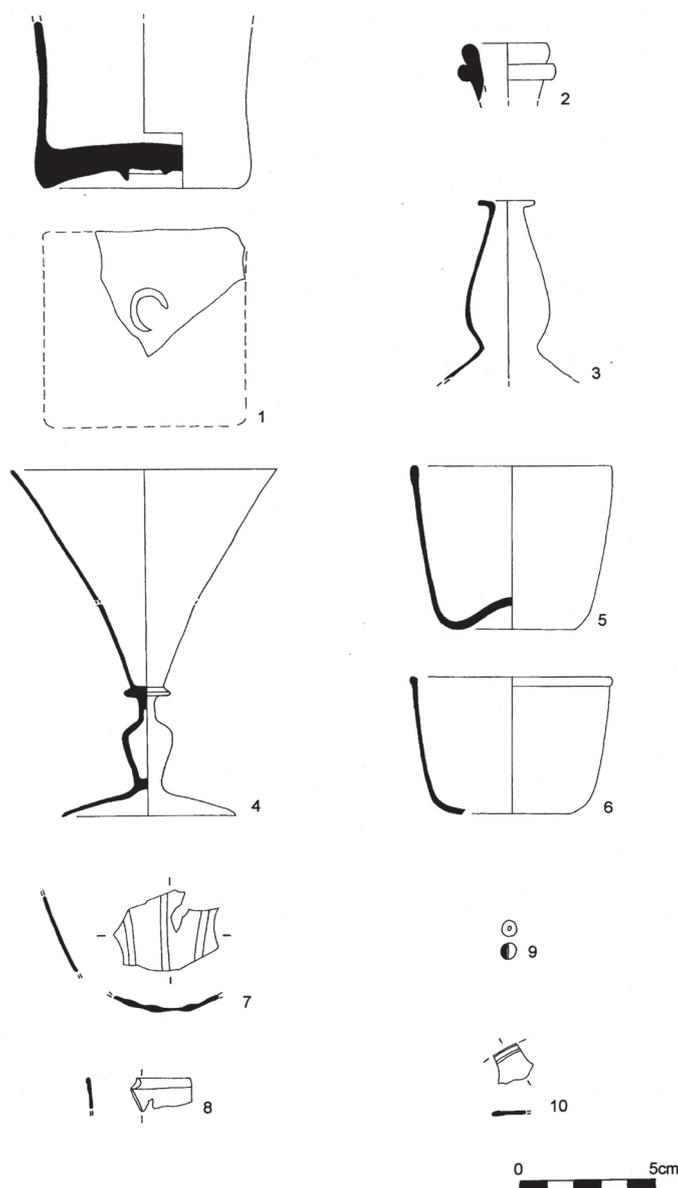


Quadro II - Perfil estratigráfico do poço (segundo Botelho, 2002)

identificada, em contextos atribuídos aos séculos XVII-XVIII, a parte superior de um copo que poderá integrar-se também nesta tipologia (Ferreira, 1994, p. 122, n.º 9). Recentemente, durante as obras de ampliação da ETAR de Alcântara, em Lisboa, identificou-se um poço, onde se recolheram, entre outros materiais também atribuídos aos séculos XVII-XVIII, alguns exemplares desta tipologia de copos (Batalha e Cardoso, 2010).

### 3.3 Taças

Um conjunto de fragmentos constitui parte do bojo de uma possível taça, produzida em vidro azul água,



A. – altura total; A.g – altura do gargalo; A.p – altura do pé.

E. – espessura; E.f – espessura do fundo; E.pt – espessura do pontel.

L. – largura; L.f – largura do fundo; L.p – largura da parede.

Ø. – diâmetro; Ø.b – diâmetro do bordo; Ø.f – diâmetro do fundo; Ø.M – diâmetro máximo; Ø.p – diâmetro do pé; Ø.pf – diâmetro da perfuração; Ø.pt – diâmetro do pontel

1. **Garrafa – PFoo/687-5A [375].** Fundo de garrafa quadrangular com arranque de parede. No exterior do fundo convexo, mostra vestígios do pontel. Fundo espesso e parede fina. Vidro transparente, de tom verde água, muito irisado. A. 73mm; Ø.pt 20mm; E.f 10/15mm; E.pt 3mm; L.p 78mm; L.f 58mm

2. **Garrafa (ou frasco) – PFoo/612-8 [376].** Bordo de garrafa (ou frasco), com lábio de perfil semi-circular, ligeiramente extrovertido. Apresenta, abaixo do bordo, marisa curvilínea aplicada a quente. Vidro transparente, incolor, muito irisado. A. 25mm; Ø.b 34mm; E.6/10mm

3. **Garrafa – PFoo/3356 [376].** Bordo de garrafa com gargalo. Do bordo em aba arranca um gargalo e perfil periforme, estrangulado no ombro. Vidro transparente de tom verde-água. A. 80mm; A.g 63mm; Ø.b 26mm; Ø.M 38mm; E. 1/2mm

4. **Cálice – PFoo/612-7 [376].** A copa, de perfil troncocónico invertido e de paredes muito finas, mostra bordo afilado. Assenta sobre pé em balaústre com base discoidal. Vidro transparente incolor, medianamente irisado. A. 156mm; A.p 58mm; Ø.b 12mm; Ø.p 76mm; E. 1/2mm

5. **Copo – PFoo/691-4 [376].** Bordo com arranque de parede e fundo de copo. Do bordo de lábio de perfil semi-circular, ligeiramente espessado, arranca parede de secção troncocónica invertida. Vidro transparente, de tom verde, com algumas bolhas de ar de pequena dimensão. A. 62mm; Ø.b 90mm; Ø.f 50mm; E. 2/4mm

6. **Copo – PFoo/691-3 [376].** Peça com o perfil completo. Do bordo, com lábio de perfil semi-circular, ligeiramente espessado, arranca parede de secção troncocónica invertida que termina num fundo em ônfalo pronunciado. Vidro transparente, de tom verde-escuro, com algumas bolhas de ar de pequena dimensão. A. 74mm; Ø.b 89mm; Ø.f 55mm; E. 2/4mm

7. **Taça (?) – PFoo/691-7 [376].** Parede decorada por caneluras obtidas por recurso a molde auxiliar. Vidro transparente de tom azul-água. A. 36mm; E. 1/2mm; L. 46mm

8. **Taça (?) – PFoo/691-2 [376].** Bordo com arranque de parede. Do bordo, com lábio de perfil semi-circular, arranca parede de secção troncocónica invertida. Mostra canelura, na face externa, junto ao bordo. Vidro negro opaco. A. 15 mm; E. 1/2 mm

9. **Conta – PFoo/692 [372].** Conta esférica, com perfuração total e superfície externa picotada. Vidro azul opaco. Ø. 7mm; Ø.pf 1,5mm

10. **Tampa (?) – PFoo/691-8 [376].** Bordo com arranque de parede. Do bordo, com lábio de perfil semi-circular, ligeiramente espessado, arranca parede plana. Mostra canelura, na face externa, junto ao bordo. Vidro transparente de tom azul-água. A. 1mm; Ø. 14,6mm

muito fino, que apresenta caneluras ténues, obtida por utilização de um molde auxiliar. Trata-se de uma decoração similar à verificada em peças de Tomar (Ferreira, 1994, p. 123, n.ºs 29-30) e também de Coimbra (Ferreira, 2004, p. 551, fig. 3g). Em ambos os locais foram datadas dos séculos XVII-XVIII.

Foi recuperado um pequeno fragmento de bordo, com arranque de parede, em vidro negro opaco, irisado, que poderá corresponder também a uma taça.

### 3.4 Outros

Recolheu-se ainda um fragmento de bordo, em vidro verde-água, transparente, que poderá ter sido parte de uma tampa. Foram identificadas também duas contas em vidro azul opaco, esféricas e que apresentam a superfície picotada.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No poço do claustro sudoeste, do Hospital de Todos-os-Santos, foi recolhido importante espólio arqueológico, do qual faz parte um pequeno conjunto de vidros.

De acordo com Paulo Botelho (2002), o expressivo conjunto de cerâmica esmaltada (faiança e majólica)

remete a formação do contexto para os finais do século XVII, princípios do seguinte. Não pode portanto, deixar de se relacionar a presença do conjunto vítreo, como do restante universo objectual, com as alterações arquitectónicas que se verificaram no Hospital Real de Todos-os-Santos, no âmbito de profundas obras promovidas no reinado de D. João V (Moita, 1964, p. 86), durante as quais o poço terá sido eventualmente desactivado e entulhado. Uma cronologia de inícios do século XVIII é, por consequência, ajustada à amostragem que contribui assim para a fixação das datações das produções portuguesas de vidro dos séculos XVII/XVIII. Relembrem-se a este propósito os centros produtores do Covo (Oliveira de Azeméis) e de Coima, este último alvo de intervenção arqueológica e estudado por Jorge Custódio (2002).

## AGRADECIMENTOS

Ao Mestre Rodrigo Banha da Silva, que me propôs a reanálise dos materiais estudados durante a licenciatura e fez a revisão do mesmo; ao Dr. Paulo Botelho pelos dados cedidos e à Prof. Dr.ª Rosa Varela Gomes que orientou o trabalho original.

## BIBLIOGRAFIA

AMARO, C. e MIRANDA, T. (2002) – *De Olisipo a Lisboa: A Casa dos Bicos*; Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

BATALHA, M. e CARDOSO, G. (2010) – Um poço seiscentista no Vale de Alcântara (Lisboa); conferência proferida na Sessão de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa (26 de Maio).

BOAVIDA, C. (2005) – Estudo de materiais não cerâmicos do poço do claustro sudoeste do Hospital Real de Todos-os-Santos: os vidros, os artefactos em osso e os líticos. Trabalho realizado no âmbito da licenciatura em História, variante Arqueologia, FCSH-UNL (policopiado).

BOTELHO, P. (2002) – Cerâmicas esmaltadas do poço do claustro SO do Hospital Real de Todos-os-Santos. Trabalho realizado no âmbito da licenciatura em História, variante Arqueologia, FCSH-UNL (policopiado).

CUSTÓDIO, J. (2002) – A Real Fábrica de Vidros de Coima [1719-1747] e o vidro em Portugal nos séculos XVII e XVIII: Aspectos históricos, tecnológicos, artísticos e arqueológicos. *Cadernos* 5, S.2; coord. ed. M.ª Lurdes Perdigão, Catarina Serpa; Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

FERREIRA, M. (1994) – Vidro e cerâmica da Idade Moderna no Convento de Cristo. *Mare Liberum: Revista de História dos Mares* 8; dir. Luís Adão da Fonseca; Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses (p. 117-200).

FERREIRA, M. (1997) – Seventeenth and eighteenth century glass drinking vessels and bottles from Lisbon, Portugal. *Conímbriga* 36; dir. Jorge de Alarcão, Instituto de Arqueologia – Faculdade de Letras/Universidade de Coimbra (p. 183-190).

FERREIRA, M. (2003) – Vidro arqueológico da região de Sintra (séculos XVI-XVII). *Arqueologia Medieval* 8; dir. Cláudio Torres; Campo Arqueológico de Mértola (p. 279-291).

FERREIRA, M. (2004) – Espólio vítreo proveniente da estação arqueológica do Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra: resultados preliminares. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7:2; coord. Ant.º Marques de Faria; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (p. 541-583).

FERNANDES, L. e FERREIRA, M. (2004) – Intervenção arqueológica num dos quarteirões da Baixa Pombalina em Lisboa. Estudo do espólio vítreo. *O Arqueólogo Português* 24, S.4; dir. Luís Raposo; Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (p. 453-489).

MEDICI, T. (2005) – The glass finds from Rua da Judiaria, Almada, Portugal (12<sup>th</sup> - 19<sup>th</sup> century). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8:2; coord. Ant.º Marques de Faria; Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (p. 535-569).

MOITA, I. (1964) – Hospital Real de Todos-os-Santos 1: relatório das escavações a que mandou proceder a C.M. L. de 22 de Agosto a 24 de Setembro de 1960. *Revista Municipal* 101/102; dir. Henrique Martins Gomes; Câmara Municipal de Lisboa (p. 76-103).